

Redes da Prática Pedagógica

Maria Luísa Lencastre⁶⁷

Resumo

Pretende-se mostrar as possibilidades e desafios da utilização crítica das Novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) pelas instituições de Ensino em geral e pela área científica de CED da UniPiaget de Cabo Verde em particular, nomeadamente o curso de Habilitações Pedagógicas Elementares [HPE], bem como sensibilizar para a importância que o conhecimento representa nas organizações, uma vez que nos encontramos numa era de grandes desafios e em que a competição, muitas vezes, desconhece fronteiras.

Palavras chave: Projecto; conhecimento; capacidade; colaboração; competitividade; confiança; cooperação; educação; estágio; integração; mudança; qualidade; redes; reflexão.

Introdução

Partimos de uma necessidade sentida por parte de alguns/as professores/as e de alunos/as, do 5º ano dos cursos de Ciências da Educação - CED, para uma resposta que pretende chamar a atenção para a pertinência de uma nova ferramenta de apoio não só ao/às alunos/as estagiários/as mas também aos/às tutores e orientadores/as.

Nesse sentido, criámos uma página web / sítio com o intuito de estabelecer redes no âmbito da Prática Pedagógica, com vista a facilitar o trabalho de alunos/as estagiários e de professores orientadores. As redes pretendem ser o mais possível diversificadas para alargar o leque de ideias e permitir uma aprendizagem ampla e abrangente.

Face às exigências profissionais e à presença de uma enorme aceleração na Sociedade do Conhecimento, impôs-se o paradigma da aprendizagem ao longo da vida. Cada vez mais temos de valorizar o “capital humano” pelo que a formação de cada um de nós não é mais um direito mas, sim, um dever – uma formação contínua e continuada, na linha do que a UNESCO deliberou como indispensável a qualquer ser humano – Aprendizagem ao longo da vida.

⁶⁷ Assistente da UniPiaget, é licenciada em Ciências Religiosas pela Universidade Católica do Porto; possui o Diploma de Estudos Avançados do programa de doutoramento Desenvolvimento Pessoal e Intervenção Social, ao abrigo de um protocolo com a Universidade de Valência; realizou também uma pós-graduação em TIC pelo I.Piaget.

Uma vez que já desempenhámos funções como coordenadora da Prática Pedagógica, temos contacto directo com realidades sobre as quais muito existe para dizer, fazer, investigar e transformar.

Efectivamente, a área da Prática Pedagógica é uma área, cuja organização e coordenação exige um estudo cuidado e inovador. Gostaríamos de, alguma forma, poder contribuir para o bem estar sócio-cognitivo, dos/as nossos/as alunos, futuros /as professore/as, numa perspectiva relacional, em contexto de estágio. Levantámos a hipótese da pertinência da existência de um sítio à qual os nossos/as alunos/as, futuros/as professores/as, pudessem aceder e onde pudessem encontrar uma ferramenta útil, interactiva, eficiente e de ajuda à reflexão sobre o seu percurso académico. Sítio este, através do qual os/as ajudaríamos a encontrar informação a eles/as dirigida, sem terem de andar a navegar por “várias águas”, diferentes das que pretendem encontrar. Todos/as nos sentimos inundados/as em informação devido aos rápidos avanços tecnológicos. Será, pois, importante ajudar os/as nossos/as alunos/as a saberem discernir qualidade de quantidade

Pela nossa experiência, sentimos que o processo que envolve a Prática Pedagógica é ainda pouco dinâmico e que as partes envolvidas, Instituição Formadora e Centro de Estágio, necessitam de se envolver mais num trabalho de equipa, com vista a fazer convergir todas as sinergias. Assim, defendemos a criação de uma rede para uma maior implementação envolvendo, mais de perto, as escolas connosco protocoladas, propiciando uma Prática Pedagógica de excelência, através de um trabalho criativo, dinâmico e interactivo.

Torna-se, pois, pertinente uma abordagem à importância da utilização das TIC na Educação e concretamente como recurso à rentabilidade da informação para a Prática Pedagógica.

A Aprendizagem por Projectos

Todos sabemos que a educação é a peça chave para o desenvolvimento, bem sucedido, de qualquer sistema social. Neste 3º.milénio, a nossa sociedade será caracterizada por alterações massivas em todos os sectores, produtivos, culturais e educativos, em consequência das novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTCI), passando pela globalização económica.

Sem dúvida que a formação educativa tradicional está a mudar, mas existe ainda muito para fazer neste processo do ensino e da aprendizagem, onde é notório o afastamento de uma dialéctica eficaz e bem sucedida entre teoria e prática. Necessitamos de avançar com mais dinamismo para esquemas conceptuais e para instrumentos de acção que provoquem e convoquem a inovação e a qualidade.

Aprender e ensinar a aprender por projectos será uma das múltiplas formas de intervenção na área da Prática Pedagógica e da didáctica, podendo oferecer-nos

novidade no processo ensino/aprendizagem. Será esta questão de novidade que o Sistema educativo tem, urgentemente, de reflectir e promover na sua prática. Exercer uma educação criativa e para a criatividade exige a todos nós, agentes educativos profissionais, uma capacidade de identificar e aprofundar novos paradigmas de acção pedagógica. Aprender e ensinar a aprender por projectos promove a profissionalidade partilhada e esbate a tendência ao individualismo, à falta de diálogo e imprime mais cor ao quadro escolar existente. Concordamos com Crozier (1977) quando diz que nada se faz de novo. Tudo parte daquilo que já foi feito, pelo que as capacidades actuais não são um obstáculo à mudança, mas sim o motor para o processo de mudança.

Este processo de mudança pode ser mais conseguido através de aprendizagens realizadas em pequenos grupos, oferecendo uma dinâmica relacional em que a troca de ideias e de experiências é ouvida, permitindo a associação de esforços para a resolução de problemas bem como para a mudança de atitudes e de práticas, quer dos professores quer dos alunos. Se a palavra projecto, na sua raiz latina, significa lançar para a frente ou para diante e, por influência grega imprime a noção de problema, esta configuração laboral associa diferentes capacidades dos elementos dos grupos e oferece-lhes sentido orientador para as suas acções de aprendizagem e de desenvolvimento pessoal e grupal. Nesta perspectiva, o problema deverá ser encarado como um amigo. Pensamos que esta seja uma visão positiva e ideal para a análise de situações pedagógicas, permitindo um olhar diferente sobre elas e uma abertura ao ponto de vista dos outros, em especial aos alunos. Ajuda a todos a enquadrar-nos num novo cenário de aprendizagem e leva-nos a questionar sobre as nossas práticas educativas.

Concordamos com Mendonça (2002: 18), ao apresentar, em jeito de síntese, a sua visão de projecto:

“Um projecto é um processo consciente, integrador de uma estrutura aberta e de um cenário de aprendizagem significativa (...) Insistimos sobre a importância de partilhar as visões que emergem da nossa experiência pessoal e profissional. Gossen e Anderson (1998) consideram, tal como nós, que é necessário algum tempo para sustentarmos esta dinâmica com relações interpessoais e intrapessoais que geram entusiasmo e envolvimento. É necessário destacar a capacidade de escuta e de atenção: escutar é mais difícil do que falar. Requer uma extraordinária abertura e vontade de análise e reflexão sobre uma grande variedade de ideias. Isso não implica que as visões individuais sejam sacrificadas. Significa antes que as visões múltiplas coexistam até se encontrar uma forma de integrar as visões individuais. Gossen e Anderson (1998: 75) propõem quatro questões simples para ajudar a encontrar um caminho: o que é que nós

queremos?; o que é que fazemos?; será que funciona?; qual o plano para representar o que queremos?”

Creemos que este tipo de aprendizagem significativa e por descobrimento poderá modificar os esquemas de conhecimento em que os alunos se baseiem e, por consequência, exigem um professor activo, dinâmico e criativo uma vez que ele, professor, terá de preparar ambientes favoráveis a estabelecer relações ricas entre as novas aprendizagens e os esquemas de conhecimento já existentes nos alunos.

Focámos, na nossa introdução, que vivemos na Sociedade do Conhecimento, sociedade esta que a todos exige novas dinâmicas e novos conhecimentos. Os suportes do saber são diversificados. Temos acesso a novos recursos, nomeadamente ao uso do computador que aparece como uma ferramenta auxiliar na promoção de facilitar e inovar o ensino/aprendizagem. A utilização das TIC como recurso à aprendizagem por Projecto não traz associada, por si só, uma pedagogia; exige trabalho científico e, num quadro de actividades diversificadas, como o é a metodologia que aqui estamos a abordar, o professor passa a ter um papel de organizador e de coordenador das diversas actividades e passa a ser um parceiro de um saber colectivo. A aprendizagem por projecto aliada às TIC pode potenciar uma notória transformação da escola, conforme afirma Ponte (1993: 56)

“(…) proporcionando o surgimento de novos objectivos, novas temáticas, novas perspectivas, novas competências, novas actividades e novas situações de aprendizagem. A sua introdução obriga a repensar na reorganização dos espaços educativos e na alteração das relações professor-aluno”.

Oferece-se-nos, ainda, dizer que será necessário criar espaços de partilha, tendo em vista a reflexão sobre algumas questões fundamentais, nomeadamente que competências deverão os futuros professores adquirir, no âmbito das TIC e da aprendizagem por Projecto, bem como que estratégias poderão propiciar a integração das mesmas, no processo ensino/aprendizagem e, em especial, conseguirmos integrá-las e rentabilizá-las no estágio pedagógico.

Importância das novas tecnologias na educação

Precisamente por nos encontrarmos no século XXI, tempo em que, a pressão é sentida a todos os níveis, as nossas instituições/organizações são forçadas a encontrar caminhos novos e inovadores, tendo como grandes objectivos assegurar a competitividade leal, reduzir custos e aumentar a produtividade. Assim acontece em todos os sectores, pelo que o da Educação não é excepção.

Estamos perante uma enorme revolução na economia mundial, a qual nos transporta para uma economia baseada no conhecimento como recurso mais determinante para a evolução dos povos. Na Sociedade do Conhecimento a gestão

organizacional passa a ser o elemento chave que diferencia uma instituição de outra. O sucesso competitivo decorre da capacidade de criar um novo conhecimento.

Pensamos ser pertinente que a educação superior seja mediada por tecnologias. No nosso caso, em que estamos a formar futuros professores, o uso e controlo destas ferramentas deve servir professores e alunos não só em relação ao processo ensino/aprendizagem como ao trabalho de pesquisa.

A construção do conhecimento e a formação realizada nas instituições de ensino, em particular no Ensino Superior, contam com o contributo das tecnologias e da comunicação na mediação. A linguagem digital e as redes de computadores, especificamente a Internet, oferecem um enorme leque de oportunidades e possibilidades aos professores bem como aos alunos. Geram-se redes comunicacionais, com um enorme potencial de ajuda na aproximação das pessoas, provocando interações com interesses cognitivos e sociais. Esta nova gestão social do conhecimento, resultante do uso da informática, provoca alteração no seu centro de gravidade, desde o aparecimento de novas técnicas de produção, ao armazenamento e processamento das informações.

Com todas estas mutações comunicacionais, não será apenas a audição, a visão, a escrita e a leitura a beneficiar dos avanços das NTIC; também as capacidades de criar, de imaginar, de ensinar e de aprender conhecem novos paradigmas.

Convocamos Cortellazzo (2004: 3) que nos alerta para a urgência do recurso à tecnologia, do aproveitamento das suas potencialidades para a Educação:

“(...) que mudam os padrões de trabalho, o tempo, o lazer, a educação, a saúde e a indústria e criam uma nova sociedade, novos ambientes de trabalho, novos ambientes de aprendizagem, um novo tipo de aluno que precisa de um novo tipo de professor. (...) O papel do professor tem que mudar também, e os cursos de Pedagogia precisam preparar os professores para não perderem o controlo da tecnologia a que são solicitados ou se dispõem a usar em suas salas de aula. Os professores precisam aprender a manipular as tecnologias e ajudar os alunos, a eles também, aprenderem como manipulá-las e a não se permitirem serem manipulados por elas”.

Como a nossa área é a área da educação e, em especial a Prática Pedagógica, o recurso às TIC reveste-se de uma função muito importante a desempenhar. Já focamos a necessidade da pesquisa que a formação académica exige aos alunos e acrescentamos, agora, necessidade de estar atento à possibilidade de realizar a mesma através da internet. Os alunos, futuros professores, ao longo da sua prática nas escolas conosco protocoladas, podem e devem usufruir e partilhar informação e recursos através de um sítio e manterem-se em contacto com todos

os implicados nesta prática – coordenador/a, orientador/a, tutor/a, colegas – através do correio electrónico mas, para que isto aconteça, é necessário a existência dos meios necessários. Daí a premência na criação e activação do mesmo e, se possível, o seu reforço pela criação de um sítio em que todos possam ter como referência.

A criação de uma Rede de comunicação intra e inter-institucional favorecerá uma cultura de uso generalizado das TIC a fim de criar oportunidades de intercâmbio e partilha, conducentes às boas práticas⁶⁸ nas diversas áreas da actividade escolar, potenciando o nível dos saberes disciplinares e transdisciplinares.

As TIC como apoio aos alunos em estágio

O Estágio Pedagógico é um dos momento de aquisição e sistematização de conhecimentos científico-pedagógicos e de habilidades essenciais ao exercício profissional, em que se pretende dinamizar a interface teoria (adquirida em sala de aula) / prática (escola protocolada). Trata-se de uma experiência com dimensões científico-pedagógicas bem como sócio-profissionais, uma vez que o/a estudante vai pôr em prática os conhecimentos adquiridos, de forma planificada, de acordo com as situações reais de vida – alunos e tutores – e de trabalho, consolidando a primeira fase da sua vida profissional.

Este tipo de estágio poderá ser integrado numa lógica de organização social do trabalho. O/a estudante, futuro/a professor/a, vai ser integrado numa comunidade pelo que realizará a articulação entre a teoria e a prática, entre o saber e o saber fazer bem, o saber ser, o saber conviver bem como o saber negociar. Os nossos estagiários/as, encontram-se perante uma oportunidade de se descobrir a si mesmos, bem como a sua capacidade de relação. Defrontam-se com um cenário de relacionamento humano onde se exige uma consciência crítica e um compromisso de seriedade.

O contexto de estágio curricular, além do aspecto profissional, pode ser ainda palco de uma actividade de extensão escolar, onde os nossos aprendizes, futuros professores, tomam consciência da realidade social e dos problemas reais da comunidade, e poderão, ainda, participar em várias iniciativas e arquitectar projectos de interesse na área de intervenção local, como forma de acção comunitária.

⁶⁸ Entendemos por boas práticas, o favorecimento de um ambiente institucional em que a oferta do uso das TIC apareça na actividade geral da organização (informatização da gestão académica, dos sumários, dos materiais de apoio disponibilizados aos alunos quer de índole pedagógica quer administrativa, etc) bem como no ensino de todas as disciplinas – prática pedagógica, quer de educação, de didáctica, de formação geral.

Neste contexto de desigualdades sociais, as TIC podem ser uma mais valia para que os/as nossos/as alunos/as ponham em prática os conhecimentos adquiridos nesta nova experiência de aprendizagem e reflexão pessoal. Concordamos com Manuel Moreira (2001) quando afirma que as NTIC podem aproximar ou distanciar o ser humano; cabe pois aos nossos alunos-actores discernirem as melhores formas de actuação, segundo nos alerta o mesmo autor, Moreira (2001: 208):

“(…) el profesorado debe formarse en procesos basados en la combinación de la observación y reflexión sobre la práctica, con la acción y participación sobre la misma.(…) en partir de la necesidad de resistir y batallar contra las desigualdades sociales. Necesidad que, a su vez, surge de la reflexión y de la toma de conciencia de las implicaciones morales del uso de los productos tecnológicos en la práctica de la enseñanza”.

Um dos nossos objectivos é sensibilizar e despertar os/as nossos/ as alunos/as, futuros/as professores/as, para a capacidade de realizarem uma leitura ampla e crítica das diferenças sociais, com base no privilégio que têm de observar e sistematizar dados resultantes da experiência directa. Trata-se de uma oportunidade de passarem de simples espectadores para actores activos, explorando o desenvolvimento de habilidades científicas e técnicas, bem como para se formarem, se tornarem em homens e mulheres intervenientes e conscientes do seu papel sócio-profissional, pois que, no mundo actual, as acções conjuntas, a criatividade e a integração de conhecimentos têm a primazia. Segundo Formosinho (2002: 203) “(…) As exigências a nível de formação apelam a esforços elaborados e contínuos, indo desde o desenvolvimento de competências básicas à ênfase nas atitudes, valores e cissões complexas a partir da prática comum.(…)”

O período de estágio potencia acções e interacções diversificadas. Defendemos que neste percurso formativo dos/as nossos/as alunos/as, podemos e devemos estruturar formas de apoio pedagógico, o mais atraentes e eficazes possíveis.

Este momento académico, pressupõe a realização de uma série de actividades ligadas – directa ou indirectamente – que implicam uma série de interacções partilhadas para a sua implementação, necessitando um acompanhamento atento dos/as alunos/as a fim de os conseguirmos apoiar no domínio de habilidades técnicas bem como pessoais promovendo uma atitude ética e reflexiva.

Pensamos que só com uma prática reflexiva se conseguirá alcançar estes objectivos. Perrenoud (2002: 69) apresenta uma ideia interessante sobre esta prática de trabalho partilhado e realizado em colaboração:

“Ninguém está, no entanto, condenado a reflectir sozinho. Pode fazê-lo em equipa, em rede, no seio do seu estabelecimento escolar, em grupos de trabalho dentro de uma área educativa, numa zona ou numa rede de

educação prioritária, ou através de uma supervisão ou de um dispositivo de análise das práticas.”

Esta operacionalização passa por implantar relacionamentos cuidados, pensados e estruturados, de forma a enquadrar o trabalho de estágio. Um trabalho assim estruturado e realizado com qualidade, acrescenta valor à UniPiaget bem como à comunidade implicada, uma vez que se vão criar novas e eficazes interacções entre as partes, promotoras de boas relações institucionais.

Para a boa construção deste microcosmos, teremos de nos apoiar em pilares sustentáveis e visíveis, pois o mero desejo de ideal não é suficiente. Esta realidade passa pelo cultivo de abertura à mudança, à crítica construtiva, a novos comportamentos, hábitos, gestos e aquisição de competências que favoreçam a consciência profissional, o pensamento, a acção e a circulação de informações, configurados nas relações sociais e humanas do trabalho colectivo, colaborativo e cooperativo.

O Papel das *Redes* na *Prática Pedagógica*

Na nossa Introdução, demos a conhecer as motivações que nos fizeram avançar para este artigo. De seguida abordamos a aprendizagem por projectos. Projecto, segundo Freitas, (2001: 5) apresenta sempre três momentos:

“Qualquer projecto envolve sempre uma visão antecipadora dos seus resultados. Para que atinja os objectivos propostos, tem de ser planeado e concretizado cuidadosamente. Assim, num projecto (qualquer que ele seja) podem considerar-se três momentos fundamentais: o planeamento, a realização e a obtenção do produto desejado. Dito de outra maneira, e usando termos que os professores conhecem bem, qualquer projecto pode ser considerado como processo (enquanto se realiza) e como produto (depois de realizado).”

Baseando-nos nesta definição, poderemos dizer que pretendemos pôr em prática o nosso Projecto da construção de um sítio e acompanhar o seu desenvolvimento. Teremos de sensibilizar o nosso público-alvo, para uma consciencialização através do diálogo e da motivação, para que desperte para a necessidade do uso de uma ferramenta a que pode aceder e a qual terá interesse para a sua vida académica. Depois desta motivação e criada a necessidade de receber ajuda e informação, necessitamos do feedback dos utilizadores a fim de, cada vez mais, irmos actualizando e moldando o sítio de forma ajustada às necessidades dos nossos alunos, futuros professores. Um terceiro momento, terá por objectivo conseguir interpretar se cada individuo está a conseguir obter alguma mais valia pessoal, que potencie e promova algo de positivo para o seu estágio.

Resumindo, diremos que pretendemos criar um instrumento capaz de ajudar, de facilitar, de serenar e de orientar os nossos alunos no seu estágio pedagógico do 5º ano. Como todos bem sabemos, este é um momento de aproximação ao contexto educativo propiciador de autonomia, momento em que o futuro professor desenvolve as competências indispensáveis ao exercício da profissão, devendo ir reflectindo e avaliando criticamente as diferentes estratégias educativas que vai ensaiando. Para este percurso académico se realizar com sucesso e qualidade, temos vários agentes em campo, nomeadamente as/os orientadoras/es e as/os tutores. No entanto, pretendemos que este instrumento aponte, promova e convoque para o novo paradigma educativo; lembremo-nos que estamos num tempo em que a Educação cria as condições decisivas para poder participar no mundo; pensamos que na Sociedade do Conhecimento e da Informação, as forças produtivas têm de estar altamente qualificadas, serem criativas e, cada vez mais autónomas – condições todas elas ligadas à Educação.

Conclusão

Consideramos, pois, que todos os intervenientes na Prática Pedagógica, somos chamados ao compromisso de aprendermos, em equipa, a identificar quais as prioridades educativas, para conseguirmos planificar, em tempo e espaço reais, as situações de aprendizagem e as situações conducentes à construção de competências profissionais.

Pugnamos pela criatividade, inovação e empreendedorismo, pelo que propomos a construção de teias/redes/parcerias, para que as instituições se norteiem pela qualidade e pela excelência profissional, a fim de construir um mapa conceptual que venha a enquadrar possíveis sucessos. Contudo, para que tal seja possível, e partindo do princípio de que não podemos viver numa redoma, isolados uns dos outros, torna-se necessário que quem intervém não esteja voltado para si próprio, para o seu interior, nem de costas voltadas para o outro.

Como já atrás focamos, estamos a assistir a enormes transformações do conhecimento, bem como à aparição de novos e diferentes espaços onde esse conhecimento se constrói. Com as NTIC, surgiram novos cenários que provocam transformações, não só ao nível socioeconómico e cultural, como também na maneira de pensarmos a realidade e de a transformarmos.

É necessária uma longa aprendizagem em contexto e, em especial, a aquisição de uma sabedoria específica para se auto-avaliar e adaptar às novas situações.

Efectivamente, quando a sociedade muda, as estruturas organizacionais também devem mudar, no sentido de conseguirem dar uma resposta séria, credível e com qualidade às necessidades da comunidade.

Invocando Hargreaves (1998: 296), poder-se-á dizer que

“(…) as regras do mundo estão a mudar. Está na hora de as regras do ensino e do trabalho dos professores também mudarem”. Corroborando esta tese, também nós pretendemos contribuir para uma reflexão sobre a realidade actual do ensino, ao nível geral e, em particular, no Instituto Piaget, instituição em que estamos implicadas.”

Concluimos, afirmando que existem novas representações do saber, o que provoca a necessidade de uma alfabetização nas NTIC, com o objectivo de nos dotarmos a nós próprios da capacidade de manejo da linguagem digital e, assim, nos inserirmos numa nova dinâmica sócio-profissional.

Pensamos que, com este Projecto, fica lançado o repto de passarmos da Teoria à Praxis, não nos limitando à palavra, mas agindo e criando o hábito da reflexão, da metacognição, da colaboração. Estas poderão, sem dúvida, fazer com que a praxis alimente a teoria, enriquecendo-a ciclicamente e fazendo-nos a nós evoluir continuamente, construindo um profissionalismo de excelência.

Referências bibliográficas

- Cortelazzo, Iolanda. (2004). *Pedagogia e as Novas Tecnologias*. Brasília: FCHLA.
- Crozier, Friedberg. (1977). *L'acteur et le système*. Paris: Seuil.
- Estrela, Maria; Estrela, Albano. (2001). *IRA – Investigação, Reflexão, Acção e Formação de Professores*. Porto: Porto Editora.
- Formosinho, Júlia. (2002). *A Supervisão na Formação de Professores II*. Porto: Porto Editora.
- Freitas, Cândido. (2001). *Gestão e avaliação de projectos nas escolas*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.
- Hargreaves, Andy. (1998). *Os Professores em Tempo de Mudança*. Alfragide: Editora McGraw-Hill.
- Mendonça, Marília. (2002). *Ensinar e Aprender por Projectos*. Porto: Edições ASA.
- Moreira, Manuel. (2001). *Educar en la Sociedad de la Información*. Bilbao: Editorial Desclée de Broker.
- Perrenoud, Philippe. (2002). *Aprender a negociar a mudança em educação*. Porto: Edições ASA.
- Ponte, J. P.. (1993). “Os professores e as novas tecnologias: Desafios profissionais e experiências de formação”. *Informática & Educação*, nº4.